

ARTIGO

Che: marcas de uma história

Certas datas têm o poder de reavivar discussões adormecidas pelo tempo. Talvez pelo valor jornalístico que é atribuído ao fato. Principalmente se estas datas estão associadas a personalidades históricas que agiram em prol da justiça e contra o poder hegemônico. Esse é o caso da “celebração” dos 40 anos da morte do revolucionário argentino Ernesto Guevara de La Serna, o Che (1928-1967).

Em sua trajetória Ernesto Che Guevara é mais conhecido por basicamente três motivos: em primeiro lugar, pela rebeldia que representa, e que sua imagem passa para novas gerações, tendo sofrido a prova do tempo e o desgaste do assédio da sociedade de consumo. Em geral, mesmo para os que não conhecem sua obra ou conhecem pouco a sua trajetória, identificam-se com o Che; em segundo lugar, ele representa a luta contra os poderosos, o desafio ao que parece ser insuperável; Em terceiro lugar, Ernesto Che Guevara representa a pureza dos ideais, a fidelidade aos princípios, o compromisso ético, o humanismo, quando lideranças parecem jogar pela janela o que pregavam, o que pareciam representar.

De família aristocrática e após freqüentar a faculdade de Medicina de Buenos Aires, Che fez diversas viagens pela América Latina, onde se destaca a representada pelo filme *Diários de*



“Guevara representa a fidelidade aos princípios”

existam controvérsias sobre esse fato.

Enfim, conhecer aspectos da vida ou do pensamento de Ernesto Che Guevara, a primeira vista, pode não parecer atingir uma magnitude teórico-filosófica de outros autores, mas, mesmo assim, possui seu mérito no que concerne à reflexão sobre as formas de opressão e de movimentos imperialistas, em que os Estados Unidos é o principal exemplo, ainda que não seja o único.

Alexandre Maccari Ferreira

Graduado em História pela UFSM, mestrando em Integração Latino-americana da UFSM

DICA CULTURAL



CD: Blackbagnalnegovéio Autor: Bebeto Alves www.bebetoalves.com.br

Quem ouviu? Rejane Miranda (*)



Este CD foi difícil de conseguir aqui em Santa Maria. Depois de vários pedidos, um dos atendentes de uma loja de discos da cidade finalmente encomendou pra mim. Bebeto Alves esteve com o *Blackbagnal*, violão e voz, no Theatro Treze de Maio, em 2005. De lá pra cá, depois de ter visto o show, fiquei mais interessada no trabalho deste cantor e compositor. Para mim, Bebeto sempre foi um dos artistas mais inventivos e ousados do Brasil. Ele consegue reunir música acústica e elétrica, rock e milonga, campo e cidade e o resultado é sempre uma surpresa...agradável!

Com mais de 20 anos de carreira, o músico passou por palcos do mundo inteiro, divulgando a rica cultura popular e folclórica do Rio Grande do Sul. *Blackbagnalnegovéio* é o 20º disco dele, produzido pelo guitarrista Marcelo Corsetti, com arranjos de cordas de Wagner Cunha. São 14 canções, todas de Bebeto, com exceção da faixa 2, *Paint it black*, canção de Mick Jagger e Keith Richards, dos Rolling Stones. Ele transformou este clássico do rock em uma milonga com violão e acordeon; um exemplo do quanto este músico ainda consegue ser inovador num mercado saturado de mesmices.

(* Jornalista, produz e apresenta o programa “Fazendo Arte” que vai ao ar, de segunda à sexta, na Rádio Universidade e às sextas-feiras, às 10h30min, na TV Campus. Endereço eletrônico: www.ufsm.br/fazendoarte)